

SOMÁLIA: A INFLUÊNCIA DO SISTEMA INTERNACIONAL SOBRE AS FORÇAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS EM DISPUTA

SOMALIA: THE INFLUENCE OF THE INTERNATIONAL SYSTEM OVER THE POLITICAL AND ECONOMIC FORCES IN DISPUTE

SOMALIE: L'INFLUENCE DU SYSTÈME INTERNATIONAL SUR LES FORCES POLITIQUES ET ÉCONOMIQUES EN DISPUTE

LUCA FRANKLIN PRIMON

Graduando de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

lucafranklinprimon@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/2270936281814009>.

RESUMO:

Este trabalho propõe uma análise da situação econômica, política e internacional da República Federal da Somália em três momentos históricos distintos: 1990, 2005 e 2020. Tendo em vista o realinhamento das grandes e médias potências após o fim da Guerra Fria e a mudança da balança de poder no sistema internacional, na Somália - Estado cuja importância geopolítica é substancial, sobretudo para a manutenção da estabilidade do comércio internacional via Canal de Suez - nota-se que as mudanças sistêmicas também exerceram significativa influência nas dinâmicas domésticas. A polaridade do sistema, sobretudo em um momento de transição hegemônica, influencia de maneira direta a política doméstica dos Estados e, portanto, no caso da Somália, teve notável impacto no desenvolvimento da guerra civil. Com base nisso, o objetivo geral deste estudo é analisar a forma como as forças políticas, econômicas e militares da Somália são influenciadas pela polaridade do sistema internacional. Nesse sentido, a hipótese formulada é a de que, em um período de multipolaridade instável, como o atual, forma-se um ambiente propício para uma redistribuição de forças políticas e militares no Estado somali - tendo em vista a emergência de novos atores e de novas opções de alinhamento internacional - o que pode fortalecer a capacidade de atuação do Estado e estabilizar a ordem no país. A metodologia utilizada combina análise comparativa quantitativa e qualitativa, revisão bibliográfica e contextualização histórica. Esta pesquisa será ramificada em três blocos principais: econômico, político e militar, a fim de identificar as interações entre o plano internacional e cada um dos três blocos constituintes do plano doméstico.

Palavras-chave: Somália. Guerra Civil. Transição Hegemônica. Multipolaridade Instável.

INTRODUÇÃO

Desde a Idade Média, a região geográfica do Chifre da África se mostrou extremamente importante econômica e politicamente, sendo um elo de conexão entre África, Ásia e Europa.

Essa relevância da região foi potencializada após a construção do Canal de Suez, em 1869, o que propiciou a abertura de uma nova rota comercial marítima entre o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo, através do Golfo de Aden e do Mar Vermelho, e aumentou ainda mais o potencial estratégico da região, sobretudo da Somália. Desde então, a busca pela influência sobre o território somali, inicialmente por parte de potências externas, mas posteriormente também por potências regionais, se mostrou uma prática recorrente na política externa dos países interventores, provocando oscilações na correlação de forças dos grupos nacionais somalis.

Nesse sentido, este artigo se propõe a analisar três aspectos do Estado somali: política, economia e forças armadas, em três datas distintas, cada uma representando uma conjuntura e um momento sistêmico diferente: 1990, período final da Guerra Fria, no qual a bipolaridade era substituída por uma unipolaridade estadunidense; 2005, momento de desgaste da unipolaridade estadunidense, sobretudo em razão da política de “guerra global ao terror”; e 2020, etapa de crise sistêmica e de transição hegemônica, denominada de multipolaridade instável. O conceito de multipolaridade instável é objeto de estudo do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Portanto, considerando a importância das pesquisas do NERINT a respeito da nova configuração sistêmica que sucede o período unipolar estadunidense, somada à relevância geopolítica da Somália e ao diminuto número de estudos confiáveis sobre o país, esta pesquisa busca analisar a influência do sistema internacional nas dinâmicas internas da Somália em três momentos distintos, visando identificar tendências quantitativas de fortalecimento ou enfraquecimento da política, economia e capacidades militares somalis de 1990 a 2020. Para tanto, optou-se por utilizar um referencial teórico-metodológico pautado na análise do sistema-mundo (Wallerstein, 2004), a partir de uma abordagem histórico-explicativa multinível, considerando três graus: doméstico, regional e internacional, que “[...] se sobrepõem em círculos concêntricos de dependência mútua” (Pereira; Serpa, 2024, p. 11, tradução do autor).

Por fim, a pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma análise comparativa quantitativa das variáveis políticas, econômicas e militares da Somália, visando estabelecer correlações entre conjunturas e padrões de condicionamento; e a segunda uma análise qualitativa, voltada à interpretação dos dados à luz da abordagem multinível. A respeito das técnicas de pesquisa, realizou-se coleta de dados em bases de dados internacionais, regionais africanas e nacionais somalis, revisão bibliográfica e análise de dados coletados.

DA CRIAÇÃO À DESTRUIÇÃO DO ESTADO SOMALI

A região do Chifre da África na qual se situa a Somália foi, historicamente, um local de constantes disputas regionais e extrarregionais, em razão de sua importância geopolítica. Destaca-se a proximidade do território ao Mar Vermelho e ao estreito de Bab el Mandeb, o que propiciou o surgimento de importantes entrepostos comerciais que realizavam a compra e venda de produtos entre a Arábia, Golfo Pérsico e Índias (Cardoso, 2020; Ayferam; Muchie, 2016). Nesse contexto, e sobretudo a partir do século XV, o Chifre foi palco de constantes disputas pelo controle ou influência sobre o seu território estratégico, definidas em dois níveis: (i) regionais, como as guerras entre os sultanatos somalis e a Etiópia pela supremacia religiosa e política na região; e (ii) internacionais, a exemplo do combate entre o Reino de Portugal e o Império Otomano pelo domínio das rotas comerciais de especiarias (Mukhtar, 2016; Serpa, 2025).

Apesar da Somália ser um local estratégico desde o período medievo, este artigo tratará apenas do momento posterior à inclusão da região ao sistema-mundo capitalista, ou seja, a partir do ponto em que o território somali, em razão da colonização europeia, foi integrado à uma lógica de divisão do trabalho e de constantes fluxos comerciais de trabalho e capital, visando, em última instância, a acumulação de capital (Wallerstein, 2004). Nesse sentido, o Estado moderno somali, ou seja, um Estado capitalista ordenado pelas dinâmicas internacionais do sistema-mundo, começou a ser germinado no século XIX, em decorrência da colonização europeia (Cardoso, 2020; Wallerstein, 2004). No final do século XIX, portanto, todo território somali já estava subjugado por potências externas ou regionais: a Inglaterra ocupava o norte da Somália, a França o atual Djibuti, a Itália o centro e sul da Somália e a Etiópia a região interiorana do Ogaden, cuja população majoritária é somali até os dias de hoje (Cardoso, 2020; Serpa, 2025).

O domínio colonial na Somália se aprofundou ainda mais no século XX, sobretudo no período entre as duas guerras mundiais. Samatar (2020) aponta que, a fim de assegurar o controle de suas possessões na região, as metrópoles europeias escolhiam lideranças tradicionais, como anciães ou religiosos islâmicos, de clãs específicos para atuarem como administradores da colônia, exercendo um domínio indireto sobre o território e a população. Convém mencionar que a sociedade pré-colonial somali se organizava a partir de clãs e suas ramificações sub-clânicas, ou seja, a partir de estruturas sociais pautadas pela genealogia das famílias, cujas ascendências remetiam a diferentes líderes místicos da cultura somali (González, 2022; Filho; Motta, 2021; Sousa, 2014). Nesse sentido, esse movimento de manipulação de certas elites clânicas, além de substituir a ordem moral tradicional pelos sistemas coloniais,

gerou profundas fissuras no tecido social da Somália, o que, por sua vez, incentivou o nascimento de intensas rivalidades e disputas inter-clânicas (González, 2022; Samatar, 2020).

A economia somali também se transformou substancialmente durante esse período, consolidando por completo a instalação de um modo de produção capitalista no país e a inserção deste no sistema-mundo. Houve imposição de trabalho forçado, criação de fronteiras às populações nômades, polarização entre a costa urbanizada e o interior rural ou nômade, expropriação de terras de certos clãs para a produção em larga escala de produtos agrícolas destinados à exportação e diversas outras práticas opressivas aos somalis (Serpa, 2025).

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, as colônias somalis passaram por um período de “tutela”, no qual a administração do Estado seria gradualmente transferida dos europeus para os nativos, ao mesmo tempo em que se intensificaram movimentos de reafirmação da identidade nacional (Serpa, 2025). O resultado direto disso foi a independência da Somalilândia Britânica e da Somalilândia Italiana, seguida, em 1 de julho de 1960, pela união desses dois Estados em uma só República (Filho; Motta, 2021). No entanto, a independência da Somália não pôs fim à lógica administrativa colonial, muito pelo contrário, esta continuou sendo reforçada, dessa vez pelas elites políticas locais, que aproveitaram a estrutura herdada dos europeus para implementarem agendas individualistas e oportunistas, o que intensificou o paradigma do tribalismo no país (Samatar, 2020). Além de possuir uma elite frágil, corrupta e sem projeto nacional, a recém formada República da Somália era muito débil economicamente: o país era extremamente dependente de capital e ajuda internacionais, tinha um baixo potencial econômico e estava imensamente endividado (Samatar, 2020; Serpa, 2025).

A situação da Somália mudaria somente em 1969, a partir do golpe de Estado liderado pelo general Mohamed Siad Barre. A partir desse momento, desenvolveu-se uma política de afirmação nacional que visava combater as divisões clânicas, chamada de pan-somalismo (Serpa, 2025). Ademais, houve diversos avanços no que tange ao desenvolvimento de uma escrita para a língua somali, à garantia de direitos às mulheres, à alfabetização da população, à nacionalização de empresas e bancos, ao fortalecimento do exército e ao estreitamento de laços com a União Soviética (URSS), sobretudo nas áreas de armamentos, medicamentos e alimentos (Cardoso, 2020; Serpa, 2025). Em relação ao último ponto, este esteve diretamente relacionado com a busca, por parte de países recém independentes, por aliados fortes que pudessem suprir suas necessidades domésticas latentes. Em um contexto sistêmico de bipolaridade e de Guerra Fria, esses aliados fortes eram os Estados Unidos e a União Soviética, o que, apesar de ter significado um aumento nos recursos econômicos, militares e humanos disponíveis para os

países africanos, também acabou por regionalizar as tensões internacionais, acirrando as rivalidades e conflitos já existentes no Chifre (Cardoso, 2020).

Cabe conceituar, nesse momento, o que foi, em termos sistêmicos, o período da Guerra Fria. O capitalismo como modo de produção se manteve o principal orientador das ações dos países, cujo objetivo primário continuou sendo a acumulação de capital, não importando em qual nível da divisão internacional do trabalho esse ator estivesse (centro, semiperiferia ou periferia) (Wallerstein, 2004). Ademais, os Estados Unidos emergiram como a potência hegemônica capitalista, estabelecendo as diretrizes dos modelos produtivos e exercendo liderança na política internacional ocidental no que ficou conhecido como *Pax Americana* (Visentini; Pereira, 2008). No entanto, essa nova configuração sistêmica contava não somente com o polo americano, mas também com o soviético, consolidando uma nova ordem de tipo bipolar que opunha dois modelos socioeconômicos inconciliáveis. Não obstante, mesmo com a existência do bloco socialista, o sistema continuava operando a partir da lógica de acumulação capitalista, o que explica a tendência da União Soviética e dos demais países revolucionários em priorizarem políticas defensivas, uma vez que estes eram “corpos estranhos” dentro do organismo capitalista (Pacaut; Bouju, 1979).

O ímpeto nacionalista e desenvolvimentista somali encabeçado por Siad Barre, no entanto, seria fortemente abalado no final da década de 70, dando início ao gradual desmantelamento da República da Somália. Em 1977, a Somália invadiu a Etiópia, com o objetivo de retomar a região do Ogaden. Essa ação ofensiva se mostrou premeditada e inconsequente, uma vez que provocou um realinhamento da União Soviética e de Cuba, que passaram a apoiar militarmente e economicamente o regime etíope, resultando na retirada das tropas somalis do Ogaden em 1978 (Cardoso, 2020; Serpa, 2025). A partir desse momento, as fundações do aparato estatal e da concepção de nação somalis começaram a ruir. Ao longo da década de 80, a Somália se aproximou dos Estados Unidos, a fim de contrapor a aliança entre a União Soviética e Etiópia, iniciando um amplo processo de liberalização da economia e de privatizações de ativos estatais, visando se adequar às diretrizes impostas pelo Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI) para o recebimento de pacotes de ajuda financeira e de financiamentos (Serpa, 2025). Concomitantemente, o regime de Barre se tornou cada vez mais corrupto e repressivo, o que destruiu a identidade nacional somali e reacendeu as disputas e rivalidades clânicas (Samatar, 2020; Serpa, 2025).

A crise do regime Barre chegou ao seu ápice em 1991, ano em que a capital Mogadíscio foi capturada por grupos insurgentes e Siad Barre fugiu do país. A partir desse ano, iniciou-se uma guerra civil extremamente violenta na Somália, que perdura até o momento atual (Serpa,

2025; Sousa, 2014). Nota-se a forte presença de conflitos inter-clânicos nessa crise, que representam a destruição completa do ideal de nação somali, a fragilidade das instituições estatais e a permanência da cultura política colonial, reforçada pelas elites tradicionais somalis (Abdi, 2023; Samatar, 2020). Desde então, somente foi possível recuperar um nível mínimo de estabilidade e de autoridade do governo em dois momentos distintos: (i) em 2006, momento em que a União das Cortes Islâmicas (UIC), em razão de sua ideologia nacionalista e islamista, logrou mobilizar um grande número de apoiadores pelo país inteiro e conquistar Mogadíscio; e (ii) a partir de 2016, período em que o Exército Nacional Somali foi reestruturado, muito em razão da aliança da Somália com a Turquia, e conseguiu recuperar diversos territórios anteriormente dominados por milícias e grupos separatistas (Cannon, 2021; Cardoso, 2020; González, 2022; Serpa, 2025).

ANÁLISE DAS QUESTÕES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E MILITARES DA SOMÁLIA

A sessão a seguir tratará da etapa quantitativa da pesquisa, a partir de uma comparação de aspectos políticos, econômicos e militares na Somália nas datas de 1990, 2005 e 2020. Para tanto, foram feitas três tabelas, cada uma referente a um dos aspectos supracitados, visando encontrar padrões de oscilação ou mudança das variáveis. Convém mencionar que, em razão do colapso total do Estado somali, não foi possível encontrar certas informações, nesses casos, o símbolo “-” aparecerá na tabela.

Em relação às questões políticas, optou-se por utilizar as seguintes variáveis: porcentagem do território controlada pelo governo internacionalmente reconhecido, nível de controle da capital pelo governo internacionalmente reconhecido, Índice de Percepção de Corrupção (CPI), nível do apoio internacional ao regime somali e polaridade do sistema internacional. Dessa forma, é possível entender o panorama nacional e internacional da política somali nos três momentos analisados.

Quadro 1. Questões políticas da Somália

QUESTÕES POLÍTICAS	1990	2005	2020
% do território controlada pelo governo	10 - 15	Menos de 10	20 - 30

Controle da capital (Mogadíscio)	Pleno	Não existente	Pleno
Corrupção (CPI)	-	21	12
Apoio internacional	Limitado	Extremamente limitado	Considerável
Polaridade do sistema internacional	Bipolar instável	Unipolar	Multipolar instável

Fonte: elaborado pelo autor, com dados de Cardoso (2020), *African Development Bank Group* (2025), Sousa (2014), Serpa (2025), Visentini e Pereira (2025) e Vizontini (1992).

A partir dos dados apresentados, é possível notar os impactos produzidos pela crise somali a partir de 1991. Entre os anos de 1990 e 2005, a capacidade de ação política do Estado somali, tanto interna quanto externa, foi reduzida de maneira exponencial, conforme mostra o quadro 1. Isso se deu por dois motivos: (i) pela manutenção da aliança com os Estados Unidos, que, por ser a única superpotência restante após a queda da União Soviética, impedia que a Somália tivesse autonomia em suas relações internacionais; e (ii) pelas diversas intervenções ocidentais em território somali que ocorreram nas décadas de 1990, cujo resultado direto foi o aprofundamento da crise e da guerra civil, limitando ainda mais a capacidade de ação do Estado somali (Ayferam; Muchie, 2016; Serpa, 2025; Sousa, 2014). A análise relativa à polaridade do sistema será realizada na próxima sessão.

No que tange às questões econômicas, as variáveis escolhidas foram: Produto Interno Bruto (PIB) em dólares americanos atuais (2025), PIB *per capita* em dólares americanos atuais, porcentagem de crescimento anual do PIB, saldo da balança comercial em dólares americanos atuais e inflação anual, medida a partir do deflator do PIB, uma vez que a Somália não possui estatísticas a respeito do índice de preços ao consumidor.

Quadro 2. Questões econômicas da Somália

QUESTÕES ECONÔMICAS	1990	2005	2020
PIB (dólares americanos atuais)	1,03 bilhões	4,68 bilhões	8,63 bilhões
PIB per capita (dólares americanos atuais)	145,6	439,98	518,19
% de crescimento anual do PIB	2,33	7,11	-2,75
Balança comercial (dólares)	-256,36 milhões	-	-4,17 bilhões

americanos atuais)			
Inflação anual (deflator do PIB)	215,47%	16,06%	5,36%

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados de *African Development Bank Group* (2025), *Macrotrends* (2025), *World Bank Group* (2025) e *Transparency International* (2025).

A respeito da economia, apesar do PIB ter crescido expressivamente, esse valor, quando comparado com outros países da região, ainda foi baixo, a exemplo da Etiópia, que cresceu 11,82% em 2005, totalizando 12.4 bilhões de dólares naquele ano (World Bank Group, 2025). Ademais, é possível concluir que o saldo da balança comercial somali em 2005 foi negativo e bastante inferior ao valor do ano de 1990, tendo em vista a dependência de ajuda e financiamentos externos e a falta de fiscalização do Estado nos portos e aeroportos, o que tornou possível o estabelecimento de atividades comerciais clandestinas, que movimentavam milhões de dólares sem realizar o pagamento dos tributos previstos na lei (Webersik, 2006).

Por fim, as variáveis escolhidas para analisar as questões militares foram: tamanho do exército em número de tropas ativas, tamanho da marinha em número de navios, tamanho da força aérea em número de aeronaves e helicópteros, número de tanques e número de peças de artilharia. O objetivo de incluir esses dados na pesquisa é de traçar paralelos entre a economia e as capacidades militares somalis com as alterações nos níveis regional e internacional, buscando encontrar correlações entre os diferentes níveis de análise.

Quadro 3. Questões militares da Somália

QUESTÕES MILITARES	1990	2005	2020
Tamanho do exército(número de tropas)	47.000 - 65.000	-	14.000 - 20.000
Tamanho da marinha	≈ 11 navios	-	0
Tamanho da força aérea	80 - 96 aeronaves 8 - 12 helicópteros	-	0
Número de tanques	≈120	-	0
Número de peças de artilharia	≈54	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados de Cardoso (2020), IISS (2021), *Macrotrends* (2025), Metz (1993), Serpa (2025) e Williams (2024).

As capacidades militares também foram amplamente reduzidas nesse período, simbolizando o desmantelamento das forças de defesa do Estado. Convém mencionar que, segundo Metz (1993), mesmo em 1990 as forças armadas já estavam extremamente desgastadas, em razão da redução dos fluxos de ajuda externa, do aumento no nível de deserção entre as tropas, do investimento insuficiente do governo e da utilização de equipamentos ultrapassados ou em péssimas qualidades. Em 2005, portanto, apesar de não haver dados oficiais, infere-se que as forças de defesa somali eram praticamente inexistentes, pois além do governo exercer controle em menos de 10% do território somali e não controlar Mogadíscio, países e organizações internacionais interventoras, como os Estados Unidos e a Organização das Nações Unidas (ONU) ocuparam o vácuo deixado pelo desmantelamento do Exército Nacional Somali e passaram a comandar operações militares no país (Cardoso, 2020; Congressional Research Service, 2025).

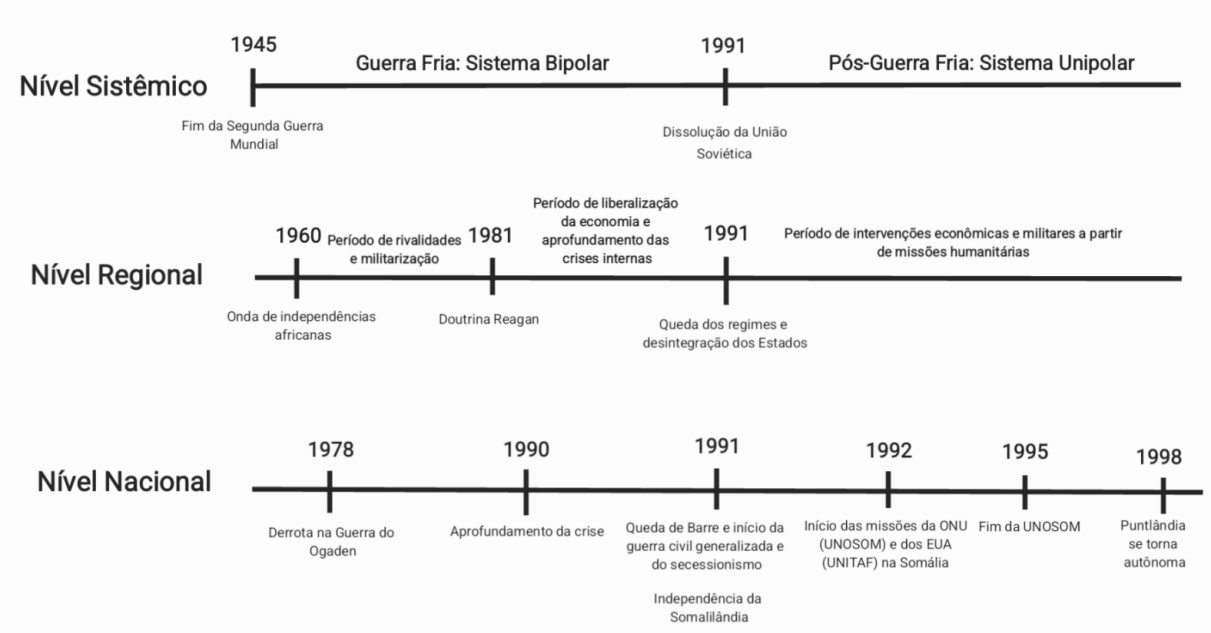
Os dados políticos, econômicos e militares do período entre 1990 e 2005 demonstram quantitativamente a crise profunda pela qual o Estado somali passava, apresentando tendência de queda ou de crescimento pouco expressivo em todas as variáveis. Em suma, esse período simboliza a destruição de qualquer organização política, econômica ou militar somali, em razão da instabilidade provocada pela crise interna já mencionada e das constantes intervenções de organizações internacionais e países, que acabaram por radicalizar grupos armados e intensificar os conflitos nacionais (Ayferam; Muchie, 2016; Cardoso, 2020; Serpa, 2025; Sousa, 2014).

Entre 2005 e 2020, no entanto, nota-se uma gradual recuperação da autoridade e da força do Estado, sobretudo a partir de 2016, com a retomada de territórios importantes, previamente ocupados pelo *Al-Shabaab* ou por grupos secessionistas, com a reconstrução do Exército Nacional Somali e com a consolidação de uma aliança crucial com a Turquia (Cannon, 2021; Cardoso, 2020; Sousa, 2014). Não obstante, apesar dos avanços do Estado somali, convém mencionar que o país ainda passa por grandes problemas internos, sobretudo no que tange à permanência do *Al-Shabaab* em regiões interioranas, da crescente influência de países como os Emirados Árabes Unidos nas regiões secessionistas, a exemplo da Somalilândia, e da continuação de políticas de federalismo e de divisão clânica nas instâncias do governo, em detrimento de uma visão nacional de longo prazo (Cardoso, 2020; González, 2022; Samatar, 2020).

ANÁLISE MULTINÍVEL

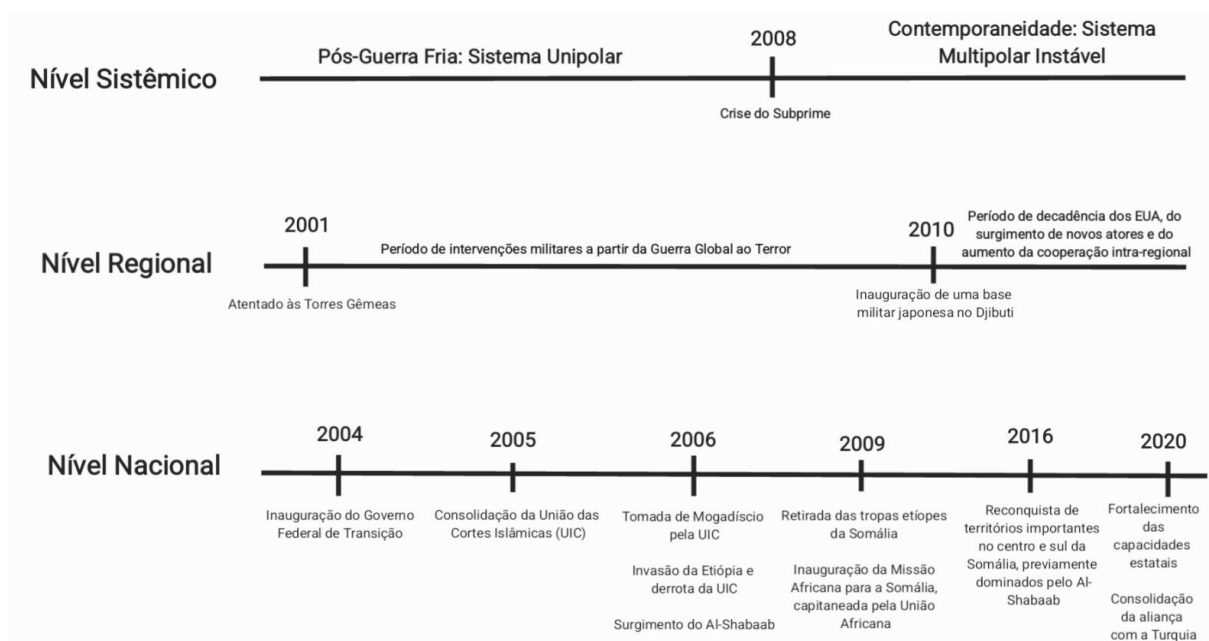
Esta sessão visa elucidar, a partir de uma análise multinível do sistema-mundo, a influência do sistema mundial sobre as disputas internas na Somália, considerando, também, as dinâmicas regionais como sendo um nível intermediário entre o nacional e o internacional. Para tanto, foi elaborada uma linha do tempo que abarca os três níveis, conforme as figuras 1 e 2:

Figura 1. Linha do tempo multinível (1945-1998)



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 2. Linha do tempo multinível (2001-2020)



Fonte: Elaborado pelo autor

O período sistêmico da Guerra Fria, marcado pela bipolaridade internacional, representou a ascensão dos Estados Unidos como potência capitalista dominante, cuja importância e legitimidade se justificavam internacionalmente a partir da política agressiva de contenção do comunismo internacional e da União Soviética (Krippendorff, 1979). Nesse contexto, nota-se uma dinâmica regional de crescentes rivalidades regionais, a exemplo da Etiópia e Somália, e, a partir da década de 1980, de liberalização da economia e do aprofundamento das crises nacionais (Cardoso, 2020; Serpa, 2025). A Somália, no nível doméstico, sofreu influência direta dos outros dois níveis, sobretudo ao empregar uma grande quantidade de recursos em suas disputas contra a Etiópia, resultando na Guerra do Ogaden (Serpa, 2025). A derrota nessa guerra, por sua vez, condicionou a Somália a se aproximar do bloco ocidental e a liberalizar sua economia, o que aumentou significativamente a concentração de renda, a insatisfação popular, a corrupção do governo e as tendências clânicas separatistas, que viriam a desmantelar o Estado em 1991 (González, 2022; Samatar, 2020; Serpa, 2025).

A década de 1990 foi um momento de profundas mudanças sistêmicas, em decorrência da queda da União Soviética e do estabelecimento da unipolaridade americana. É necessário mencionar que a hegemonia dos Estados Unidos “Tratava-se de um vácuo de poder gerado pelo desaparecimento da superpotência soviética, que foi ocupado pelos EUA com ações táticas malsucedidas, pois careciam de uma Grande Estratégia” (Visentini; Pereira, 2025, p. 139), ou seja, não possuía um objetivo, seja de curto ou longo prazo, definido e consolidado, o que

explica os diversos fracassos dos EUA em sua política internacional nesse período (Ayferam; Muchie, 2016; Cardoso, 2020). Essa falta de “Grande Estratégia” foi transposta para o nível regional através de constantes intervenções americanas no Chifre da África, caracterizadas por uma narrativa de ajuda humanitária, na década de 90, e de guerra global ao terror, nos anos 2000, mas que não obtiveram quaisquer resultados concretos (Cardoso, 2020; Serpa, 2025).

No nível nacional, a desintegração completa do Estado somali abriu espaço para atores estrangeiros atuarem mais diretamente no território doméstico, aprofundando ainda mais a crise no país. É nesse contexto em que os Estados Unidos e a Organização das Nações Unidas iniciam diversas missões na Somália, como a UNOSOM e a UNITAF, cujo resultado direto foi a ampliação dos conflitos armados e da violência no país (Cardoso, 2020; Serpa, 2025; Ayferam; Muchie, 2016). É nesse período, também, que a República da Somalilândia declara independência, em 1991, e a Puntlândia se torna uma província autônoma, com política interna e externa independentes de Mogadíscio, em 1998 (Abdi, 2023; Filho; Motta, 2021; Samatar, 2020; Serpa, 2025).

As intervenções estadunidenses, apesar de terem perdido força após o fiasco da Operação *Black Hawk*, em 1993, tiveram uma sobrevida após os atentados de 11 de setembro, ao incorporarem a narrativa da guerra global ao terror em suas justificativas, tornando a luta contra o terrorismo global um *causus belli* universalmente aceito (Cardoso, 2020; Serpa, 2025). Nesse sentido, os Estados Unidos iniciaram diversas operações de contraterrorismo, como a Iniciativa Contraterrorista no Leste da África (EACTI) e ampliaram consideravelmente a sua influência no Chifre (Cardoso, 2020; Congressional Research Service, 2025; Sousa, 2014). A principal ação americana na Somália, no contexto da guerra global ao terror, foi o apoio direto à Etiópia na invasão do território somali e na destruição da União das Cortes Islâmicas. A UIC era um movimento heterogêneo nacionalista e islamista, cujo fator de união era a religião e a oposição ao Governo Federal de Transição, inaugurado em 2004, e à presença de interventores ocidentais no país (González, 2022; Sousa, 2014).

Em razão do sucesso da UIC em estabelecer controle sobre grande parte do território somali e em recrutar partidários, os Estados Unidos endossaram a invasão etíope na Somália, que culminou na expulsão da UIC de Mogadíscio e na dissolução do grupo (González, 2022). A ala jovem não moderada na União das Cortes Islâmicas, em decorrência disso, passou por um processo profundo de radicalização, dando origem ao *Al-Shabaab* e continuando a luta armada contra a etiópia, os Estados Unidos e a ONU em diversas regiões do país (González, 2022; Sousa, 2014). Convém mencionar que a UIC era um movimento que agregava populações

de clãs diferentes, uma vez que seu objetivo era a agregação do povo somali sob a lei da *Sharia*. Após a destruição da União, portanto,

“Imediatamente, os velhos políticos sectários voltaram vingativos. Nesse contexto, ‘grandes homens’ narcisistas, alimentados por improvisações tribais, batalharam por poder. Enquanto isso, descontentamento político generalizado e a fragmentação do país continuou” (Samatar, 2020, p. 36, tradução do autor).

A situação na Somália se manteve extremamente instável até 2016, ano em que houve um grande movimento de reorganização e reforço do Exército Nacional Somali, que, juntamente das tropas da Missão Africana para a Somália (AMISOM), liderada pela União Africana (UA), logrou recuperar uma porção significativa dos territórios previamente controlados pelo *Al-Shabaab* (Cardoso, 2020). Essa tentativa de reconstrução das forças armadas e do Estado somali tem total relação com a reorganização do sistema internacional e da emergência de uma nova configuração, denominada “multipolaridade instável”. Após a crise financeira de 2008, a decadência dos Estados Unidos se intensificou, ao mesmo tempo em que outros países ascenderam ou reascenderam ao posto de potência internacional, como China e Rússia (Visentini; Pereira, 2025). O ponto nevrálgico desse momento é o ano de 2010, em que o Japão inaugurou sua primeira base militar fora de seu território nacional, no Djibuti, o que demonstra a diversificação de atores no Chifre no período da multipolaridade instável (Cardoso, 2020).

Ademais, nota-se uma maior presença de potências médias no plano internacional: na Somália, por exemplo, há influência direta do Catar, Turquia, Etiópia Emirados Árabes Unidos e Itália, sendo a Turquia um país extremamente importante para a reconstrução do Estado somali, pois além de ter ajudado a aliviar a fome generalizada da população, entre 2011 e 2012, também realiza o treinamento das tropas do Exército Nacional Somali desde 2017 (Cannon, 2021; 2018; Cardoso, 2020). Além disso, percebe-se uma tendência de maior cooperação entre os países do Chifre da África, sobretudo a partir de fóruns multilaterais e de organizações internacionais relacionadas à União Africana, como a Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD), o que resultou em uma diminuição significativa no número de conflitos inter-estatais (Cardoso, 2020).

CONCLUSÃO

Com base no exposto, é possível analisar a influência do sistema internacional sobre as forças políticas e econômicas em disputa na Somália como sendo um vetor de desestabilização ou de estabilização, a depender da configuração das forças globais. É crucial mencionar que a influência sistêmica também condiciona os comportamentos do nível regional, portanto, esse nível de análise será mencionado juntamente ao doméstico, em relação de co-constituição (Pereira; Serpa, 2024). Durante o período da Guerra Fria, por exemplo, o sistema internacional atuou como um catalisador das disputas entre Estados Unidos e União Soviética no Chifre da África, de modo a, inicialmente, opor a Etiópia capitalista (apoiada pelos EUA) da Somália socialista (apoiada pela URSS) (Cardoso, 2020; Serpa, 2025). Após a revolução etíope e a Guerra do Ogaden, no entanto, as alianças se inverteram, mas a lógica de disputa entre dois blocos continuou a mesma.

A partir de 1991, com a nova configuração global de forças decorrente da queda da URSS, o sistema internacional atuou como um grande desestabilizador das dinâmicas internas da Somália. A política internacional americana de constantes intervenções militares aumentou drasticamente a violência e a radicalização dos movimentos separatistas na Somália, sendo um dos principais fatores para a formação do *Al-Shabaab* (Cardoso, 2020; Sousa, 2014). Por fim, no que tange à multipolaridade instável, é possível afirmar que esta, a partir de suas características intrínsecas, proporciona um aumento na estabilidade da Somália, principalmente porque propicia um maior número de países ofertantes de ajuda financeira e militar, além de ampliar a possibilidade de alianças mutuamente benéficas, como no caso da Turquia (Cannon, 2021; Cardoso, 2020).

Apesar disso, é necessário mencionar que as dinâmicas do sistema internacional não são suficientes para, sozinhas, revitalizarem a capacidade de ação do Estado somali e garantirem estabilidade contínua no país. Deve-se atentar para dois problemas estruturais no nível nacional somali, que só poderão ser resolvidos através de políticas domésticas bem estruturadas. O primeiro desses problemas diz respeito à inserção da Somália no sistema-mundo: o país é, essencialmente, exportador de alimentos, o que o coloca em uma posição extremamente vulnerável às oscilações da taxa de câmbio do dólar americano e da demanda internacional por bens primários. Nesse sentido, a economia somali é agudamente dependente dos países centrais que, através do controle dos fluxos financeiros e produtivos, mantêm sistematicamente a Somália em posição de país periférico (Wallerstein, 2004). Para que a Somália consiga romper com essa relação de exploração, é necessário um plano concreto de industrialização do país, pautado na cooperação intra-regional (entre o Chifre da África) e intra-continental (entre o continente africano).

Além disso, o segundo problema estrutural refere-se à questão da identidade nacional somali. A promoção do identitarismo clânico, por parte das elites tradicionais, em detrimento à ideia de nação gerou grandes fissuras na sociedade somali e provocou o aprofundamento da crise e da guerra civil no país. Samatar (2020) aponta que:

“A União Africana, as Nações Unidas, estados vizinhos (particularmente Quênia e Etiópia) e os Estados Unidos e a União Europeia endossaram uma agenda política tribalista que deu ‘legitimidade’ ao estabelecimento de um governo federal baseado em etnicidade”. (Samatar, 2020, p. 37, tradução do autor).

Nesse sentido, observa-se que, mesmo com o fortalecimento do Estado somali nos últimos anos, a tendência é que os conflitos não cessem, uma vez que a própria construção do aparato estatal é baseada em separações clânicas. Outro fator que comprova essa afirmação são os conflitos atualmente existentes na Somalilândia: apesar de muito se falar da estabilidade da Somalilândia, desde sempre essa região sofreu com disputas inter-clânicas, em decorrência da representação governamental baseada em identidade clânica. O principal expoente dessa dinâmica é o Estado Khatumo, que busca, desde 2010, ser reconhecido como um estado regional da República Federal da Somalilândia (Abdi, 2023). Em suma, o que a Somália necessita é a recriação de um projeto político nacionalista que substitua a identificação clânica com a identificação nacional, a fim de superar as fissuras sociais internas e garantir uma melhor inserção do país no sistema capitalista global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDI, Hassan A. Somalia-Somaliland Relations: Assessing Scenarios for Negotiations and Averting Possibility of Fresh Crises in the Horn of Africa. **Technium Social Sciences Journal**. v. 43, p. 454-465, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/122586346/Somalia_Somaliland_Relations_Assessing_Scenarios_for_Negotiations_and_Averting_Possibility_of_Fresh_Crises_in_the_Horn_of_Africa?email_work_card=view-paper. Acesso em: 19 nov. 2025.

AFRICAN DEVELOPMENT BANK GROUP. **Somalia Data Portal**. Abidjan, 2025. Disponível em: <https://somalia.opendataforafrica.org/>. Acesso em: 30 set. 2025.

AYFERAM, Gashaw; MUCHIE, Zelalem, The Advent of Competing Foreign Powers in the Geostrategic Horn of Africa: Analysis of Opportunity and Security Risk for Ethiopia. **International Relations and Diplomacy**, v. 4, n. 12, p. 787-800, 2016. Disponível em: <https://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/58a2829dd13a8.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

CANNON, Brendon J. Contextualizing Turkey’s Actions in Somalia: Insights From Somaliland. **Bildhaan: An International Journal of Somali Studies**, Saint Paul, MN, v. 22,

p. 121-143, 2021. Disponível em:
<https://digitalcommons.macalester.edu/bildhaan/vol21/iss1/13/>. Acesso em: 10 set. 2025.

CANNON, Brendon J. Foreign State Influence and Somalia's 2017 Presidential Election: An Analysis. **Bildhaan: An International Journal of Somali Studies**, Saint Paul, MN, v. 18, p. 20-49, 2018. Disponível em:
<https://digitalcommons.macalester.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1206&context=bildhaan>. Acesso em: 18 set. 2025.

CARDOSO, Nilton C. F. **Segurança Regional no Chifre da África**. 1. ed. Porto Alegre: CEBRAFRICA; CEGOV, 2020. *E-book* (382 p.). Disponível em:
<https://www.ufrgs.br/cebrafrica/wp-content/uploads/2021/01/Ebook-Nilton-Cardoso-Chifre-da-%C3%81frica.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **Somalia**. 2025. Disponível em:
<https://www.congress.gov/crs-product/IF10155?q=%7B%22search%22%3A%22somalia%22%7D&s=1&r=4>. Acesso em: 07 out. 2025.

FILHO, Pio P., MOTTA, Henrique O. da. Democracia na África: O Notável Caso da Somalilândia. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 11, p. 109-128, Jan./Jun. 2021. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/106063/64184>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GONZÁLEZ, Yoslán S. Political Crisis and Terrorism in Somalia: From “Disintegration” to “Institutionalization”. **Brazilian Journal of African Studies**. Porto Alegre, RS, v. 7, n. 13, p. 131-150, Jan./Jun. 2022. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/120762/85550>. Acesso em: 01 set. 2025.

IISS. **The Military Balance 2021**. Londres: Routledge, 2021.

KRIPPENDORFF, Ekkehart. **História das Relações Internacionais**. 40. ed. Editora Antídoto, 1979.

MACROTRENDS. **Somalia**. Seattle, WA, 2025. Disponível em:
<https://www.macrotrends.net/>. Acesso em: 30 set. 2025.

METZ, Helen C. **Somalia: a Country Study**. 4. ed. Washington, DC: Federal Research Division, Library of Congress, 1993.

MUKHTAR, Mohamed H. Adal Sultanate. **The Encyclopedia of Empire**. Savannah, GA, v. 1, p. 1-3, 2016. Disponível em:
https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118455074.wbeoe145?utm_source=researchgate. Acesso em: 21 set. 2025.

PACAUT, Marcel; BOUJU, Paul M. **O Mundo Contemporâneo, 1945-1975**. 1. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

PEREIRA, Analúcia D.; SERPA, Rafaela P. Conflict Management in Africa: The African Union's Peace and Security Architecture (APSA). **Intellectus: The African Journal of**

Philosophy, v. 2, n. 1, p 10-28, 2024. Disponível em: https://intellectus.com.ng/wp-content/uploads/2024/07/INTELLECTUS_PEREIRA_and_SERPA_Vol_2-1.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

SAMATAR, Abdil I. Destiny Worse than Artificial Borders in Africa: Somali Elite Politics. **Bildhaan: An International Journal of Somali Studies**, Saint Paul, MN, v. 20, p. 19-45, 2020. Disponível em: <https://digitalcommons.macalester.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1224&context=bildhaan>. Acesso em: 11 set. 2025.

SERPA, Rafaela P. **Burburka Soomaaliya: Guerra e Colapso do Estado Somali (1988-2000)**. 2025. 296 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/295332>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SOUSA, Ricardo R. P. de. External Interventions and Civil War Intensity in South-Central Somalia (1991-2010). **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, v. 28, p. 57-86, Dec. 2014. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cea/article/view/7981>. Acesso em: 18 set. 2025.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. **Corruption Perception Index**. 2025. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2024>. Acesso em: 07 out. 2025.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D. **História do Mundo Contemporâneo: da Pax Britânica do Século XVIII ao Choque das Civilizações do Século XXI**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D. **Putin, a OTAN e a Guerra na Ucrânia: a Ascensão da Multipolaridade Instável**. 1. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2025.

VIZENTINI, Paulo G. F. **A Grande Crise: A Nova (des)Ordem Internacional dos Anos 80 aos 90**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-Systems Analysis, An Introduction**. 1. ed. Durham, NC: Duke University Press, 2004.

WEBERSIK, Christian. Mogadishu: An Economy Without a State. **Third World Quarterly**, Palisades, NY, v. 27, n. 8, p. 1463-1480, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248950122_Mogadishu_An_Economy_without_a_State. Acesso em: 25 jun. 2025.

WILLIAMS, Paul D. The Somali National Army Versus al-Shabaab: A Net Assessment. **CTC Sentinel**, New York, NY, v. 17, n. 4, p. 35-43, 2024. Disponível em: <https://ctc.westpoint.edu/the-somali-national-army-versus-al-shabaab-a-net-assessment/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

WORLD BANK GROUP. **World Bank Open Data**. Washington, DC, 2025. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 30 set. 2025.